

## Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 21/01/2016

- [Cavalcante \(GO\) recebe programa de combate ao abuso sexual infanto-juvenil](#)
- [Jovens autistas do DF se divertem em sessão de cinema especial](#)
- [Vendedor solteiro ganha licença de seis meses após adotar criança no RS](#)
- [UNICEF - Inverno rigoroso na Europa coloca em risco a saúde já vulnerável das crianças refugiadas](#)
- [O cruel mercado infantil de talentos na TV](#)

**Assunto: Cavalcante (GO) recebe programa de combate ao abuso sexual infanto-juvenil**

**Fonte: CNJ**

**Data: 21/01/2016**



Orientar professores sobre a melhor maneira de abordar um possível caso de abuso sexual de crianças com as vítimas é o objetivo da reunião que a Corregedoria-Geral da Justiça de Goiás promove esta semana em Cavalcante, no norte do estado. O município de 10 mil habitantes foi abalado no início do ano passado por denúncias de abuso sexual contra adolescentes nascidas na zona rural, em comunidades quilombolas. Na reunião, professores da região são orientados sobre

como lidar com uma possível vítima do crime sem expor a criança ainda mais.

A iniciativa segue os princípios da Recomendação 33 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Editada em 2010, a norma recomenda aos tribunais “a criação de serviços especializados para escuta de crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência nos processos judiciais”. A capacitação dos professores de Cavalcante integra o conjunto de ações executadas por juízes auxiliares da Corregedoria-Geral da Justiça de Goiás e pela Secretaria Interprofissional Forense (órgão da Corregedoria), que recebeu o nome de Projeto Escuta.

**Cartilha** - Uma das iniciativas da Corregedoria para humanizar a abordagem às vítimas de abuso foi a publicação de uma cartilha direcionada tanto a adultos quanto crianças. Com linguagem simples e ilustrações didáticas, o material facilita que novos casos sejam

denunciados sem expor as vítimas a mais constrangimento, segundo o corregedor-geral da Justiça de Goiás, desembargador Gilberto Marques Filho. “É uma cartilha singela, mas didática, que mostra que a criança pode e deve denunciar abusos sofridos. Distribuimos a cartilha e observamos interesse especial por parte das crianças”, disse o desembargador.

Desde que as denúncias foram veiculadas na imprensa, no início de 2015, uma equipe de juízes auxiliares da Corregedoria, pedagogos, assistentes sociais e psicólogos da Corregedoria vem visitando o município de Cavalcante para dar uma resposta da Justiça aos abusos relatados. Ao longo do segundo semestre do ano passado foi formada uma rede com representantes das instituições que lidam com a proteção dos direitos da criança e do adolescente na região de Cavalcante, como o Conselho Tutelar, a Polícia Militar, as secretarias estaduais de Saúde e Educação, além do Ministério Público.

A rede tornou mais ágil o atendimento e os procedimentos de denúncia e investigação. Atualmente tramitam na comarca de Cavalcante quatro processos de estupro de vulnerável contra adolescentes kalunga, nome da comunidade quilombola que vive na zona rural do município. Segundo o Código Penal, o estupro de vulnerável se refere a “ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 anos” ou deficiente mental sem “necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência”. De um total de 44 processos relacionados a estupro na comarca, 40 se referiam a vulneráveis e nove já resultaram em condenação dos acusados, de acordo com levantamento do fórum da cidade.

<b>Assunto: Mato Grosso decide incentivar adoção tardia em campanha no estado</b>
---

<b>Fonte: CNJ</b>
-------------------

<b>Data: 21/01/2016</b>
-------------------------



A adoção de adolescentes será o tema de trabalho na Semana Estadual da Adoção em Mato Grosso, que vai de 22 a 25 de maio. O tópico foi decidido na primeira reunião do ano da Comissão Estadual Judiciária de Adoção (Ceja), realizada na segunda-feira (18/1), na Corregedoria-Geral da Justiça do estado. Os membros da comissão fizeram uma retrospectiva das ações executadas em 2015 e traçaram planos para os próximos meses.

Em 2015, o mote da campanha foi a adoção sem preconceitos. A presidente da Ceja, desembargadora corregedora Maria Erotides Kneip, destacou a participação de Carla Penteado, mãe adotiva de três meninas especiais. Carla foi obrigada a fazer teste de sanidade mental para conseguir adotar as filhas. “Às vezes, a gente cria resistência para quem quer dar carinho”, avaliou o juiz auxiliar da CGJ-MT, Luiz Octávio Saboia. “Se você não tiver sensibilidade, dificulta o processo”, completou o promotor de Justiça José Antônio Borges Pereira, membro da comissão.

Para a procuradora de justiça Eliana Cícero de Sá Maranhão Ayres, que também compõe a Ceja, trabalhar com a infância é um aprendizado contínuo. “Lembro da alegria das crianças na comemoração do Natal, na Fazendinha Cocoricó. A liberdade que tiveram naquele dia foi o maior presente. Parabéns pela iniciativa”, destacou. Os participantes da reunião receberam da secretária executiva da Ceja, Elaine Zorgetti, o regimento interno publicado em dezembro, relatório do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) com dados sobre adoção, balanço das audiências concentradas e proposta de programação para o ano.

**Assunto: Jovens autistas do DF se divertem em sessão de cinema especial**

**Fonte: Diário de PE**

**Data: 21/01/2016**

## DIÁRIO de PERNAMBUCO



**Com relação à estrutura adaptada aos meninos, dez terapeutas voluntários se colocaram à disposição de prestar apoio**

andar. O filme escolhido foi Hotel Transilvânia 2, transmitido na tela do Parkshopping, em Brasília.

A exibição começou um pouco depois do previsto inicialmente, às 10h, por conta da chuva. Com relação à estrutura adaptada aos meninos, dez terapeutas voluntários se colocaram à disposição de prestar apoio. Os profissionais ficaram responsáveis também por levar objetos que acalmariam as crianças, como brinquedos, massinha de modelar e até mesmo massagem.

Algumas crianças ficaram assustadas e precisaram dar uma volta, se distrair, para depois retornar à sala, mas a maioria se divertiu. Houve quem até se levantasse para aplaudir as cenas, apontando constantemente para a tela onde algum monstro aparecia.

Essa foi a primeira vez que o Guilherme Lima, de seis anos, assistiu a uma sessão de longa-metragem no cinema. Antes, ele havia visto curtas no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), neste mês. A mãe, Tatiana Lima, é diretora do Moab e uma das idealizadoras do projeto que ocorreu nesta quarta. Ela afirma que o filhinho reagiu bem ao primeiro contato com as telinhas e, por isso, espera que a experiência seja bem sucedida.

“Alguns pais evitam levar as crianças ao cinema por causa desse desconforto que acaba atrapalhando as pessoas que estão assistindo. A nossa ideia, então, é ajudar as famílias,

Cerca de 60 famílias assistiram o filme Hotel Transilvânia 2, transmitido em sala de shopping de Brasília.

Cerca de 60 famílias de crianças autistas tiveram uma manhã especial nesta quarta-feira (20/01). Isso porque uma parceria entre o Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab) e a rede Kinoplex organizou uma sessão de cinema apropriada para os jovens, que requerem ambiente à meia luz, som mais baixo e liberdade para

porque tanto o pai deixa de ir, quanto deixa de levar o filho, ambos são prejudicados”, explica Tatiana.

A administradora Rosane Mércia de Souza, 40 anos, também integra o Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab), e hoje levou o Pedro Henrique, 10 anos, para o cinema. Ela conta que o filho já está acostumado com o ambiente, pois desde que ele era pequeno cultivava o hábito de assistir a algum filme fora de casa, mas considera que a iniciativa seja importante para conhecer outras famílias que tenham crianças autistas.

“A importância é a socialização, mostrar pras redes que, para os pais de uma criança com autismo, faz muita diferença que a sociedade seja inclusiva, sem diferenciação. Compartilhar experiências com outras famílias também é fundamental”, avalia.

Tatiana diz que os ingressos foram distribuídos gratuitamente, mas que, por conta da limitação de cadeiras, a fila de espera chega a 200 pessoas. Por isso, a Moab planeja organizar uma próxima sessão de cinema para as crianças autistas ainda este ano.

**Assunto: Vendedor solteiro ganha licença de seis meses após adotar criança no RS**

**Fonte: IBDFAM**

**Data: 21/01/2016**



No Rio Grande do Sul, o vendedor de uma livraria na capital gaúcha conseguiu licença de seis meses, tempo máximo das licenças maternidades, após adotar uma criança. O homem, de 34 anos, solteiro e homossexual, conseguiu superar os entraves burocráticos e realizar o sonho de ser pai. Pesquisando na internet, o vendedor descobriu um programa de apadrinhamento afetivo promovido por uma organização não-governamental (ONG). Em 2013, começou a frequentar oficinas sobre o processo de apadrinhamento de crianças consideradas inadotáveis, por serem maiores de cinco anos ou portarem doenças graves. Ao longo dos encontros, ele conheceu um menino de sete anos. O homem lembra que a criança não conversava com ninguém.

Ainda segundo o pai, durante o encontro com o garoto ele o perguntou se já tinha padrinho. Ele então virou padrinho do menino e durante 14 meses passaram os finais de semana juntos. A solicitação de adoção foi aceita cerca de um ano depois. Ao organizar a documentação, o novo pai pediu licença-maternidade ao departamento de recursos humanos do emprego. Junto à licença, o homem também solicitou férias, e assim o prazo para ficar junto do menino se estendeu para sete meses, no período denominado de 'criar o ninho', que é o momento de adaptação da criança adotada ao novo lar. O vendedor deve retornar ao trabalho no final do mês de abril.

Para advogada Ana Carla Harmatiuk, diretora nacional do IBDFAM, o caso representa uma excelente notícia à população LGBTTI e a quem defende direitos humanos. "Em meio ao cotidiano ainda atual de ataques à liberdade sexual, é reconfortante destacar trajetórias de conquistas de direitos. Também destaco a importância da adoção de uma criança de sete anos, vez que, em nosso país, onde praticamente 65% dos jovens em abrigos têm entre 6 e 15 anos, a expressiva maioria de pleiteantes tem preferência específica por recém-nascidas de pele clara e saudáveis. P. e L. contrariaram a estatística, e compartilhar a história deles auxilia, a um só tempo, na desmistificação da homoparentalidade e da adoção tardia", disse.

De acordo com Ana Carla, tanto a efetivação da adoção quanto a concessão da licença revelam alinhamento a demandas históricas desse público. Segundo ela, o direito à maternidade e à paternidade, assim como o dever de exercê-las com responsabilidade, não se restringe em razão da orientação ou da identidade sexual. "As conquistas que a população LGBTTI tem alcançado, a partir de lutas individuais e coletivas, são exemplares para as mais diversas frentes de enfrentamento de discriminação de gênero. A partir do relato sobre a concessão de licença a um pai, podemos discutir temas como a ampliação deste mesmo direito aos homens nas relações heterossexuais. Com isso, o afastamento do trabalho não seria um ônus apenas da mãe – uma medida que reforça preconceitos contra as mulheres no mercado –, e o estreitamento dos vínculos afetivos com a criança recém-chegada seria

também possibilitado ao pai. Parece-me uma boa alternativa para a melhor democratização dos papéis econômico e afetivo em família oxigenada pelas realidades LGBTTI”, comenta.

Ana Carla Harmatiuk explica que a legislação permite a adoção por pessoas que não possuam parceiros ou cônjuges, pois a relação de parentalidade não se confunde, portanto, com a de conjugalidade. Conforme a advogada, o procedimento de adoção se realiza judicialmente e exige a habilitação do pretendente à adoção junto à Vara da Infância e da Juventude, e se for deferida a habilitação, o possível adotante ingressa no Cadastro Nacional de Adoção. “O vínculo apenas se efetivará através de sentença. Entre os primeiros entraves burocráticos e o sonho de ser pai, para empregarmos os termos da notícia, ainda ocorrem estudos sociais e estágio de convivência entre adotante e adotado para que assegure o encaminhamento da criança de acordo com o seu melhor interesse. E, como já se mencionou, ainda há dificuldades relativas ao perfil dos jovens disponíveis à adoção frente ao perfil idealizado pelos candidatos à adoção. Com isso, o processo pode durar considerável tempo”, afirma.

A advogada lembra que a adoção conjunta por casal homossexual é apontada como conquista recente. Então, antes dos plenos efeitos jurídicos para as uniões entre pessoas do mesmo sexo, era comum que se efetivasse a adoção por apenas um dos parceiros, que omitia a relação conjugal no processo de habilitação à adoção. “Apresentava-se, portanto, como solteiro. Após, o companheiro que não se identificara como adotante àquela oportunidade procurava regularizar a sua paternidade. Evidentemente, a situação envolvia grande e injustificada insegurança. Proliferam, especialmente após a paradigmática decisão do Supremo Tribunal Federal de 2011, os relatos de adoção conjunta (pessoas homossexuais que vivem em união estável ou casaram-se), como também os de adoção unilateral por homossexual (homossexuais solteiros). Em nosso país os solteiros, independentemente da orientação sexual, podem adotar. Porém, mesmo sem quaisquer barreiras legais que obstaculizem a homoparentalidade, é certo que os critérios subjetivos para a avaliação dos adotantes permitem discriminação. Por exemplo, ao averiguarem se há motivos legítimos para a adoção, como determina a legislação, os profissionais envolvidos no processo podem reproduzir compreensões muito atadas a modelos tradicionais de família, o que não favorece a pluralidade. Em outras palavras: para que a homoparentalidade encontre um horizonte plenamente possível, é preciso que se operem, igualmente, profundas transformações sociais e culturais em nosso país em relação ao tema”, conclui.

**Assunto: UNICEF - Inverno rigoroso na Europa coloca em risco a saúde já vulnerável das crianças refugiadas**

**Fonte:** ONU

**Data:** 21/01/2016



Novos dados indicam que crianças já somam mais de um terço dos refugiados e migrantes chegando à Europa. Temperaturas baixas, neve, falta de vestimentas adequadas e de aquecimento agravam o cenário.



**Crianças no campo de Khanke perto da cidade de Dohuk, Iraque, com casas de Yazidis depois de terem fugido do Estado Islâmico**

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) expressou preocupação, nesta terça-feira (19), quanto à situação das crianças refugiadas em meio ao rigoroso inverno da Europa. Segundo informações da agência, jovens já somam mais de um terço do total de deslocados que chegam ao continente. Neve e temperaturas abaixo de zero podem agravar complicações para a saúde já enfrentadas por bebês e crianças, como a má nutrição.

De acordo com o porta-voz do UNICEF, Christophe Boulierac, o inverno tem agravado a má condição física dos jovens refugiados. O representante da agência lembrou que as crianças que chegam à Europa estão “esgotadas, assustadas, aflitas e, frequentemente, precisam de assistência médica”. Após entrarem no continente europeu, muitas não têm acesso a vestimentas adequadas, à alimentação apropriada para suas respectivas idades, nem a abrigos e a calefação própria em alguns centros de recepção. A falta de aquecimento também é um problema em ônibus e trens.

De acordo com a coordenadora especial do UNICEF para a crise de refugiados e migrantes no continente, Marie-Pierre Poirier, as crianças são particularmente suscetíveis a infecções respiratórias, problemas digestivos e diarreia. Nos últimos três meses, a agência e seus parceiros conseguiram oferecer atendimento a 81 mil crianças na Macedônia, na Sérvia, e na Croácia. Cerca de 18 mil bebês e recém-nascidos receberam serviços especializados.

Poirier alertou para a necessidade de fortalecer o acompanhamento de casos vulneráveis e o atendimento às populações em movimento. A coordenadora também destacou que o uso descontrolado de fórmulas para bebês pode trazer riscos à saúde das crianças.

Ao final de 2015, a proporção de jovens entre os refugiados e migrantes continuou a aumentar. Segundo fontes nacionais da Macedônia, em dezembro de 2015, 37% dos deslocados no país eram crianças. Em setembro, o índice registrado foi de 23%. Na Sérvia, os valores verificados para dezembro e setembro eram de 36 e 27%, respectivamente. Números anteriores indicavam que, dos mais de um milhão de deslocados que chegaram à Europa, cerca de 253,7 mil, ou aproximadamente um quarto, eram jovens.

**Assunto: O cruel mercado infantil de talentos na TV**

**Fonte: Rede Nacional Primeira Infância**

**Data: 21/01/2016**



Criança participante do programa de tv britânico “Britain’s got talent”

Ontem mesmo, uma pessoa veio comentar sobre uma criança de 10 anos, que estaria muito triste porque “ele cantou uma música lá no local e horário marcados para o *The Voice Kids*, mas não foi selecionado, já que ninguém havia telefonado para ele, embora ele cante lindo, afinado e com um jeito lindo”. Essa é a milésima vez que sentamos no banco da praça refletindo, preocupadas com essa nova tendência brasileira de levar as crianças para campeonatos de talentos, na televisão. E não são poucos. Continuamos atentos depois do caso Valentina – do *MasterChef Junior* – e as preocupações permanecem intensas. Até agora não sabemos se as crianças recebem algum retorno, no caso de não terem sido selecionadas, o que não resolve, mas ameniza.

Bem, é preciso dizer que entendemos como maravilhoso o fato de as crianças cozinharem e que cantarem, as vezes até ao mesmo tempo, para si mesmos e para os outros. Isso por si só é um ganho enorme para a cultura e para a vida de todos.

É comum encontrarmos crianças talentosas, praticamente vocacionadas desde cedo, aos olhos dos adultos, em diferentes aspectos: música, pintura, desenho, construções com objetos, colagens, costura, bordado e, também, para os esportes em geral. Em tese, essas habilidades precoces – ou ainda, talentos – mantêm-se presentes por toda a vida, podendo ter sido mais ou menos desenvolvidos, o que pode vir a ter relação com sua futura atividade profissional, ou não. Às vezes, o trabalho na vida adulta tem referência direta com esses talentos, às vezes, eles viram um hobby e, também, em alguns casos, infelizmente adormecem e ficam sem expressão.

O que acontece no caso das crianças é que existe um investimento enorme dos adultos para que eles definam desde cedo suas profissões futuras e que ainda, se possível, se tornem um expoente de sucesso e de dinheiro, termos que na nossa cultura são quase sinônimos, como redenção para famílias inteiras que não conseguiram alcançar por si sós o tal binômio que atende ao mercado. Mercado equivocado e frustrante por atrelar sucesso a dinheiro, investindo assim na cultura material da felicidade, apenas e maciçamente. Todos precisamos de muito mais para alcançar momentos de felicidade.

Esse investimento dos adultos aparece em inúmeros aspectos, nas artes em geral, no cinema, no teatro, também quando as crianças têm corpos magros e altura. Essas habilidades expressas ainda na infância, que estamos chamando aqui também de talentos, não devem ter relação com o mercado que transforma tudo em objeto de compra e venda, mas o que a televisão produz é exatamente isso. Sem cuidado e senso crítico, a televisão, mídia que diverte e educa, pode ser devoradora de audiências e assim devorar, de garfo e faca, aqueles que nela trabalham. No caso das crianças, esse sucesso rápido, gerado apenas pela visibilidade em 65% dos lares brasileiros, já pode ser responsável por expectativas e fantasias de grandeza que são cruéis, como já aconteceu com tantas crianças que desde cedo foram sucesso “na telinha”. Não faltam exemplos. A televisão é patrocinada e todos sabem que, no cenário audiovisual, os animais, as crianças e os idosos “vendem”, reúnem público e criam audiência para o mercado adulto. Isso interessa à televisão como indústria do consumo. Não são poucos os adultos que se emocionam diante da Tv, ao saber da vida pessoal dessas crianças e, no caso da música, ao ouvi-las cantar de modo tão singelo. É lindo mesmo.

Sob a ótica das crianças, isso pode ser extremamente perigoso, por várias questões diferenciadas e interligadas. A primeira delas é que crianças têm que brincar e estudar, não trabalhar nem precisar ganhar dinheiro para sustentar as suas famílias. Uma segunda questão se refere ao fato de o carreirismo ter chegado praticamente ao fim, no Brasil e no mundo. O mercado de trabalho hoje funciona com uma nova dinâmica em que o adulto muda o local do seu trabalho e, também, a própria natureza do trabalho durante a vida útil, para acompanhar as mudanças rápidas e avassaladoras do mundo. Assim, quando fixamos as crianças hoje em um futuro “de sucesso”, sob essa ótica enviesada do “que gera dinheiro”, poderá ser triste, problemático e muito frustrante caso o mercado exija adaptações que eles não possam fazer. Ou até mesmo se eles próprios vierem a desejar mudar de vida. Como fica?

Aliás, embora o ponto de partida disso tudo seja um desejo ou um talento específico de cada uma das crianças que participam desses programas, seja de música ou de culinária, eles precisam ser ouvidos e respeitados no sentido de poderem variar ou, ainda, mudar de vida. Será que eles mesmos, junto com suas famílias, terão o direito de mudar o rumo de suas vidas enquanto ocupam o lugar de quem traz dinheiro, riqueza e conforto para sua família? Acho difícil que as crianças possam ser autônomas e sentirem-se donas de suas vidas quando crescerem, supondo-se que seriam donas de um sucesso perene, o que não se pode garantir.

Como terceira e última questão, vale lembrar que somos todos seres que se constituem por milhões de fatores combinados. Numa determinada fase da vida, cada um desses fatores aparece com maior destaque em detrimento de outros e assim vai. Portanto, que um adulto seja cantor ou cozinheiro e que possa, ainda, tomar banho de rio, colecionar selos, pintar quadros nas horas vagas etc. é compreensível. E é bom. No entanto, será que crianças cantoras ou com os melhores “dotes de mestre cuca”, na cozinha, poderão desenvolver outras dimensões de sua individualidade, além da frequência exigida à escola, para que tenham uma vida com oportunidades diversificadas? Para se conhecerem melhor? Para conhecerem melhor as amplas possibilidades do mundo em que vivem?

Esse é um dos nossos medos mais fortes. Medo de que os adultos de referência dessas crianças tenham nelas, desde cedo, o seu “muro de arrimo”, o seu apoio e sua segurança, quando deveria ser exatamente o oposto. Os pais é que devem mostrar o mundo e as diversas possibilidades da vida aos filhos, não o contrário. Essa inversão tende a ser limitadora e traumática. Cabe aos adultos proteger, cuidar e educar com amor, ser mais amigo e menos o empresário de suas crianças.